

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA CLÁUDIA GUAJUMI LEARDINE

**SÓ VALE A PENA TER UM IDEAL,
SE ESTIVER DISPOSTO A LUTAR POR ELE**

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA CLÁUDIA GUAJUMI LEARDINE

**SÓ VALE A PENA TER UM IDEAL,
SE ESTIVER DISPOSTO A LUTAR POR ELE**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para a conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

Dedico este memorial a todos que me apoiaram, auxiliaram e
contribuíram para que este texto fosse produzido.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido e filhos pela compreensão durante o tempo que estive ausente...

A todos que me incentivaram...

Aos professores que forneceram materiais para que conseguisse elaborar as idéias...

Aos funcionários da Faculdade que possibilitaram o acesso a recursos de pesquisa...

O objetivo da educação é ensinar as novas gerações a construir casas. É preciso que as casas sejam sólidas, por causa da sobrevivência. Para isso as escolas ensinam a ciência. Mas não basta que nossas casas sejam sólidas. É preciso que sejam belas. A vida deseja alegria. Para isso as escolas ensinam as artes. É preciso educar os sentidos.

(Rubem Alves, 2002, p. 74)

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de oferecer aos profissionais da educação mais um instrumento reflexivo sobre o conhecimento adquirido cientificamente na Universidade, atrelado às vivências pessoais de uma professora que luta desde o início de sua formação, por seus ideais.

Objetiva também, mostrar ao leitor as influências da Psicologia da Educação, Filosofia da Educação e História da Educação no campo da Educação Infantil, além dessas áreas servirem como objeto de estudo no desempenho de posturas educacionais na instituição escolar.

Para complementar o texto, realizei uma análise sobre a importância da avaliação na educação infantil assim como para todo o ensino institucional.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
1. 1. A caminho da realização de um sonho.....	01
1. 2. Nos primórdios do (meu) magistério.....	03
2. MEMÓRIAS DE MINHA VIDA.....	05
3. AS DIFERENTES FACES DO FOGO.....	09
3. 1. Contribuições das histórias através dos tempos.....	10
3. 2. A influência da Psicologia da Educação.....	13
4. AVALIAR AS MEMÓRIAS, AVALIAR AS PRÁTICAS.....	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

1. I. A caminho da realização de um sonho.

Formar crianças e adolescentes sociáveis, felizes, livres e empreendedores é um belo desafio nos dias de hoje. A solidão nunca foi tão intensa: os pais escondem seus sentimentos dos filhos, os filhos escondem suas lágrimas dos pais, os professores, se ocultam atrás do giz.

(CURY, 2003, p. 01)

O livro **Pais brilhantes, professores fascinantes** me proporcionou uma série de reflexões sobre como anda a educação em nosso país.

Hoje em dia a instituição escolar se tornou um ambiente tão banal que, muitos pais e até professores enxergam a escola como um depósito de crianças. A formação desses educandos está cada dia mais à mercê da exclusão social do que a favor da integração. Os sentimentos estão sendo deixados de lado por causa do trabalho que consome os pais, para que os filhos possam sobreviver dentro da sociedade brasileira que é implacavelmente impiedosa com quem não estuda ou tem um bom emprego.

Muitos pais precisam abandonar seus filhos involuntariamente por muitos anos de sua vida para trabalhar, deixando de acompanhar a formação de sua personalidade, buscando oferecer-lhes um futuro digno.

Professores que em grande parte também são pais, em vários momentos acabam falhando na formação de seus alunos. Eu, como educadora tenho medo de também fazer parte dessa massa excludente.

Pautando-me nesse medo e na indignação de ver tantos colegas cometendo calamidades dentro das instituições escolares, procuro sempre me aprimorar nos estudos, buscando conhecer a realidade atual e tentando merecer o cargo que

ocupo dentro da rede municipal de ensino, para isso a formação continuada é primordial para que não nos tornemos arcaicos professores que se milimetram no BA-BE-BI-BO-BU.

Lembro-me do início do curso e de tudo o que aprendi, o quanto evoluí como pessoa e profissional com base nos estudos, análises e reflexões sobre as diversas teorias científicas abordadas e o quanto isso me auxiliou na elaboração desse texto.

Um trabalho novo como o Memorial de Formação, a princípio me causou estranheza principalmente por nunca ter lido um e por desconhecer a forma como um documento desses é redigido. No início pensei que não conseguiria escrever qualquer coisa sobre minha vida particular, associando com os estudos e a prática pedagógica.

Ao ler o Memorial escrito por Mário Osório Marques (1999), percebi que não é possível separar a infância, os costumes familiares, as amizades de tudo o que estudamos e de nosso trabalho (emprego).

Quando já cursava a Graduação, li a reportagem que foi publicada no jornal Correio Popular em 25 de agosto de 2002 cujo título é **A Unicamp e a formação de professores**. O que me chamou logo a atenção foi o trecho em destaque que dizia: “Este novo curso, com algumas características inteiramente inovadoras, foi planejado para atender professores em exercício na educação infantil” (Correio Popular, 2002, Caderno Cidades, p.3). Era tudo o que eu esperava, a oportunidade de completar a realização de um sonho que começou quando eu tinha apenas cinco ou seis anos de idade.

A iniciativa da UNICAMP em abrir um novo curso de Pedagogia, incentiva milhares de professores a investir em sua qualificação profissional. É importante saber que a educação em nosso país começa a apresentar melhoras significativas.

1. II. Nos primórdios¹ do (Meu) Magistério

Relembrando o início do curso de magistério, observo que foi melhor do que eu imaginava. Todas as disciplinas voltadas para a formação do professor me encantavam. Tive o privilégio de ter encontrado profissionais comprometidos com a educação e formação do professor e que desenvolveram um bom trabalho em sala de aula.

Tudo foi muito bem aproveitado e com o conhecimento dos conteúdos aos poucos pude direcionar as áreas de maior interesse. As disciplinas que mais me envolveram foram: Filosofia da Educação, Sociologia da Educação, História da Educação e Psicologia da Educação, esta última é a que desperta maior interesse em mim até hoje.

A expansão dos conhecimentos de diferentes culturas, o desenvolvimento das sociedades e a evolução do pensamento humano estabeleceram debates na classe do magistério que ainda me são válidos. Para entrar em contato com a sociedade que o cerca, o homem pode procurar sua compreensão de mundo através da filosofia sem deixar de lado as abordagens religiosas, míticas e científicas. Essa visão de conjunto que a filosofia nos oferece, é que me faz perceber que as reflexões podem ser críticas, atrelando o saber à prática. Nesse sentido, procuro lidar com as divergências no ambiente de trabalho, onde tento não atribuir juízos de valor respeitando a liberdade de expressão.

Na educação infantil, é importante o professor colocar a criança em contato com o mundo social no qual ela está inserida. As discussões que outrora tivemos a respeito do homem e seu papel social, ajudam a nortear meu trabalho.

2. MEMÓRIAS DE MINHA VIDA

Quando eu era pequenina,
Acabada de nascer,
Ainda mal abria os olhos,
Já era pra te ver.

Quando eu já for velhinha,
Acabada de morrer,
Olha bem para os meus olhos,
Sem vida, te hão-de ver.

(Quadra Popular in: ALVES, 2002, p. 73.).

Ao ler esse pequeno poema lembrado por uma professora da Escola da Ponte, cujo nome não fora citado no livro **A escola que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir**, me proporcionou imediatamente uma identificação, já que minha religiosidade de menina, foi o estímulo inicial para a escolha de minha profissão e é dessa forma que quero lembrar sempre dos anos em que trabalhei para a educação.

Nasci no dia 30 de agosto de 1968 na cidade de Valinhos, onde fui criada e moro até hoje. Minha casa era em um sítio com plantações de uva para a fabricação de vinho.

Lembro-me como se fosse hoje dos domingos em que eu e minha família íamos às missas na capelinha. Costumava sentar-me ao lado do altar, um espaço que é muito pequeno, mas que naquela época parecia enorme. No final da missa ajudava o sacristão, a contar o dinheiro recolhido na coleta e como prêmio pela ajuda oferecida, ganhava uma hóstia ainda não consagrada e ainda trazia para casa os papéis usados pelos fiéis na leitura do evangelho. Esses papéis serviram de inspiração, eram “lições” que oferecia aos meus alunos imaginários. Naquela época

¹ Ao escolher esse subtítulo, pensei na palavra “primórdios” a fim de resgatar lembranças do início do Magistério que cursei anos atrás.

fui percebendo que possuía vocação para ensinar e foi crescendo a vontade de me tornar professora. Hoje compreendo que a concepção de “vocação” foi constituída historicamente e aceita socialmente por considerar-se o magistério como profissão adequada à mulher.

Nas minhas “brincadeiras de faz-de-conta”, a sala de aula era completa. No rancho da chácara onde morava, havia várias lousas pregadas nos pilares, que foram confeccionadas por meu pai com duratex e tinta especial para lousa. Eu passava as lições na lousa, explicava tudo para “meus alunos” que ficavam “sentados” em caixotes ouvindo e recebendo as atividades. Tudo era rigorosamente corrigido e as notas eram atribuídas para cada um.

Depois de um tempo, os alunos imaginários se tornaram reais. Na chácara vizinha moravam meninas um pouco mais novas que eu, era só atravessar a porteira e como num passe de mágica tinha uma sala de aula com alunos de verdade. Como tinham afazeres domésticos, eu as ajudava para que pudessem vir logo brincar. Foi aí que tudo mudou, os folhetos das missas foram substituídos por cadernos de verdade e as lições eram fáceis para que as meninas não desistissem.

Acho que minha inspiração começou por observar minha irmã mais velha que já era professora e que me encantava quando a observava envolta na preparação das aulas e corrigindo aquele monte de papéis, que naquele tempo me pareciam bastante misteriosos.

Entre uma aula e outra, da minha escolinha, os recreios eram longos com direito a brincadeiras com carrinhos de rolimã, banhos na banheira, corridas pelo enorme quintal e, depois de tudo isso descíamos a ladeira beirando o córrego de uma bica d’água e chegávamos ao pomar, onde chupávamos mangas, subíamos no

alto das jabuticabeiras para pegar as mais gostosas e ainda fazíamos comidinha em latas vazias usando fogo de verdade.

Moravam conosco muitos parentes, dentre eles meu tio que exagerava no consumo de vinho. Meu pai fabricava vinho com ajuda de toda a família e, depois de pronto, trancava tudo. Eu que sempre fui muito prestativa e não entendia muito bem as coisas, era encarregada secretamente de pegar a chave da cantina, assim meu tio bebia escondido dizendo que tinha o direito de prová-lo, já que era fruto de seu árduo trabalho.

Os dias de minha infância sempre serão recordações maravilhosas, foram momentos de muita alegria. Tento transmitir para meus alunos hoje essa mesma alegria que me foi proporcionada por meus pais, irmãos e professores.

Meu sonho de menina não demorou a se concretizar. Entrei na EMEI Dom Bosco com apenas cinco anos, depois fui para o Centro Educacional SESI 102 (hoje extinto), onde iniciei a 1ª série com seis anos e saí de lá com catorze anos, ao concluir a 8ª série. No mesmo ano de minha conclusão fui trabalhar como monitora em uma escola particular, lá auxiliava a professora colocando nomes nos trabalhos das crianças, contando histórias, dramatizando e até trocando fraldas.

O encanto por crianças pequenas, toda sua inocência, suas respostas divertidas, seu jeito doce de resolver problemas, a facilidade para envolvê-las e principalmente o modo como aprendiam as coisas, me fizeram no ano de 1982, seguir os passos de minha irmã mais velha e ingressar no curso noturno de Magistério na Escola Padre Anchieta em Jundiáí.

No meio desse caminho mudanças aconteceram, em 1984 comecei a namorar e no mesmo ano, meu pai faleceu. Envoltos na dor da perda e com todo carinho e dedicação de meu namorado, acabei engravidando antes dos dezessete

anos, então em julho de 1985 me casei. cursava ainda o 3º ano de Magistério, mas não deixei de estudar. Ao final desse ano, com apoio das minhas colegas de sala, que compartilharam comigo a gravidez, meu primogênito Adam nasceu.

Fui para o 4º ano do curso, quando se iniciou a habilitação para Educação Infantil, finalmente havia chegado o momento que mais esperei do curso. Durante um ano todinho deixei meu filho à noite com minha mãe e irmãs para que eu pudesse concluir o Magistério. No ano de 1986, me formei.

Já no ano seguinte, Adam com um ano foi para a escolinha, pois, comecei a trabalhar na Prefeitura de Valinhos no Programa Recriação, que atende crianças de seis a doze anos com atividades recreativas no período oposto ao escolar. Em 1990, após ser registrada, fui para a EMEI Jardim das Figueiras trabalhar com Infantil II. No ano seguinte, meu segundo filho, André, nasceu.

A participação nas novas descobertas das crianças, o processo evolutivo, a intervenção do professor que aprendi na teoria, agora estava sendo vivenciada na prática.

No ano de 1994 aconteceu o Concurso Municipal de Valinhos, fui aprovada e então em 1995 escolhi a EMEI Bom Retiro onde estou até hoje. Identifico-me com a faixa etária de quatro a seis anos, mais precisamente com crianças em idade pré-escolar.

Comecei a cursar o ensino superior em 2002, quando a Unicamp lançou o projeto de formar mil e seiscentos pedagogos em turmas de quatrocentos alunos por ano, nos pólos de Vinhedo (CEPROVI), onde estudo, Americana e na UNICAMP.

Deixei meu marido e filhos em casa para estudar, mas sabia que esse tempo longe deles seria necessário para que pudesse aperfeiçoar meu trabalho de que gosto tanto e faço com muita dedicação.

Trabalho com educação infantil desde o início de minha carreira. Observo como ocorre o desenvolvimento da criança e acredito cada vez mais que devemos proporcionar-lhe um ambiente físico e social adequado, oportunizando a construção de seu conhecimento de forma integral, respeitando a formação de sua personalidade, favorecendo sua livre manifestação como cidadão, compreendendo-o e orientando, sempre levando em conta sua origem, respeitando as diferenças.

Para desenvolver o trabalho dessa forma, busco constante aperfeiçoamento profissional fazendo cursos como PETE, PROFA e PROEPRE. As novidades enriquecem as aulas, proporciono avaliações mais adequadas por isso percebo a cada dia minha melhora como profissional.

3. AS DIFERENTES FACES DO FOGO

A literatura romântica há muito me desperta interesse, principalmente os livros cujas histórias dão ênfase ao contexto histórico-cultural do local e época em que a narrativa se passa. Por esse motivo, visitas à biblioteca do colégio tornaram-se constantes durante meu curso de Magistério.

Diversos livros que lia (nacionais ou estrangeiros), mostraram um pouco sobre o desenvolvimento da sociedade e cultura, locais e mundiais. Esses textos alavancaram meu interesse em conhecer melhor a influência que o desenvolvimento do trabalho e da cultura tem sobre a população e como essas influências modificam a maneira de pensar e agir do homem.

Quando assistimos ao filme **“A Guerra do Fogo”**, observamos a transformação gradativa da maneira de pensar e agir dos componentes das tribos primitivas a partir da descoberta de um elemento primordial para a existência humana: o fogo. Fizemos interpretações variadas sobre o filme, pois este foi um estudo interdisciplinar. Os professores de diversas matérias passaram um roteiro com os aspectos que deveriam ser observados.

Em História da Educação, verifiquei as novas descobertas que ocorreram devido à descoberta do fogo e que serviram para a evolução da espécie. Os homens primitivos, aos poucos, perceberam a importância do papel de cada um dentro da comunidade: aconteceu o início da vocalização, houve criação de rituais, foram inventadas novas armas mais leves e eficazes, e também se adquiriu a capacidade de contar histórias, levando adiante suas vivências.

No que diz respeito à Sociologia da Educação, percebi os costumes da sociedade dos homens das cavernas. O homem começa a formar tribos segregadas, deixando de ser nômade, com isso inicia o processo de domesticação dos animais

(mamutes), o casamento passa a ser monogâmico, com a evolução do raciocínio ocorreu a diminuição da violência, tudo graças à descoberta do fogo.

Para a disciplina Filosofia da Educação analisei as relações de trabalho e a ideologia que existiam nas tribos. O chefe da tribo que detinha o poder para guardar o fogo, era o homem mais forte e julgado mais inteligente, a princípio ideologicamente os homens não podiam chorar, com o tempo foi ocorrendo a liberação instintiva dos sentimentos, o carinho, a tristeza pela perda, foram aparecendo gradativamente e se tornando parte da vida daqueles primitivos.

A submissão feminina era bastante acentuada e a morte banalizada. Com o passar do tempo e as descobertas que foram sendo realizadas a partir do uso e manutenção do fogo, o modo de agir e pensar se modificou, a mulher passou a ser mais valorizada e a morte passou a causar indignação.

O início de minha formação foi como a descoberta do fogo, uma nova luz se acendeu e proporcionou o início de uma grande evolução de meus conhecimentos, perceber que um mesmo tema pode ser explorado de diferentes maneiras. O fogo não é simplesmente fogo, é o princípio do amadurecimento de toda a humanidade, é o estopim para o desenvolvimento da inteligência da espécie.

3. I. Contribuições das histórias através dos tempos.

As aulas da graduação vieram preencher algumas lacunas que ficaram abertas durante minha vida escolar. No segundo semestre do ano 2003, durante uma aula de Teoria Pedagógica e Produção em História, lemos a poesia “A Importância de uma História”. Alguns trechos auxiliaram na reflexão sobre a importância da história voltada para as representações, os relatos orais, a entonação

que se usa na voz para contar algo e como isso fica guardado na memória, ajudaram-me a repensar os objetivos e a forma de se trabalhar contos, com os alunos da educação infantil.

A partir dessa aula, percebi como há mais ou menos 20 anos, o papel da criança na escola era mais de ouvinte, sua participação através de experiências ou sugestões de temas de seu interesse tinha pouco ou nenhum espaço nas aulas. Os livros eram escritos por adultos cheios de mensagens subliminares que embutiam questões moralistas, preconceituosas do tipo “a mocinha casa com o príncipe, vira uma dona de casa cheia de filhos e vive feliz para sempre”, induzindo nas meninas a aceitação de que seu papel na sociedade era cuidar da casa, do marido e ser mãe.

A história deve ser feita com histórias, tudo o que os alunos relatam eu registro para que suas idéias não se percam no tempo. Temos tantas histórias para contar porque essas foram registradas por alguém. A discussão que tivemos com a professora e o grupo promoveu a realização de futuras pesquisas sobre a Literatura Infantil, é como diz o trecho da poesia abaixo, onde a autora descreve a importância das histórias como lembranças do passado e como fonte de inspiração para o imaginário de crianças e adultos:

A importância de uma história?

Pergunte ao velhinho que passa,
Curvado pelo peso dos dias,
Olhos cansados, buscando ontem,
Pés trôpegos, que talvez não pisem o amanhã...

Pergunte a ele sobre o tempo da escola,
Talvez tudo tenha se perdido,
Nas nuvens espessas dos dias passados...

...Ele vai lhe falar de mansinho,
Das tardes em que brincava.
Nos jardins de Branca de Neve...

De quando lutou e venceu,
Os ladrões e piratas do mar,
Ao lado de Robson Crusóé...
(Franklinsandra H²)

Hoje, ao fazer a escolha de um livro, seja ele qual for, pauto-me, e procuro contribuir com os profissionais que trabalham comigo, baseada no texto “**O ensino da História e a Construção da Identidade**”, de Ernesta Zamboni (1992):

O objetivo fundamental da história no primeiro grau é situar o aluno no momento histórico em que vive.
Situarse historicamente é perceber os fatos que acontecem ao seu redor, em uma dinâmica de relações espaciais próximas e distantes e numa multiplicidade temporal. (ZAMBONI, 1992, p. 35).

A aula sobre a melhor forma de optar por livros didáticos contribuiu, para que possamos escolher bem, livros e textos, levando em conta a qualidade da escrita, ou seja, a relevância social para o aluno e quais os acréscimos para o desenvolvimento cognitivo.

Em meu trabalho, tenho a preocupação de escolher leituras adequadas à faixa etária da criança, sempre pensando na colaboração para a construção do conhecimento infantil, permitindo que o aluno estabeleça e relacione os fatos históricos.

O educador pode nortear sua escolha, observando se o livro ou texto permitirá um trabalho contextualizado, se oferece claramente para a criança a noção temporal e espacial.

² Fragmento de uma poesia utilizada em uma das aulas, constando apenas o nome do autor, sem referencia bibliográfica.

Segundo Margareth Schaffer e Rita V. F. Boneti, no texto “**Noção de espaço e tempo**”:

A criança vai adquirindo e desenvolvendo noções de espaço e tempo à medida que entra em interação com o mundo. Nesse processo, ela se relaciona com o mundo a sua volta, percebendo-o não apenas como um mundo repleto de cor e forma, mas como um mundo dotado de sentido e significado. (SCHAFFER, BONETI³, mimeo, p.11)

Por isso, as interações sociais têm papel essencial para o desenvolvimento da criança.

3. II. A influência da Psicologia da Educação

Após tantos anos de estudo meu foco de interesse se dirigiu principalmente para o estudo da Psicologia da Educação.

O Curso de Pedagogia me possibilitou conhecer os processos de desenvolvimento da inteligência infantil e também trabalhar melhor com as dificuldades de aprendizagem, além de oferecer parâmetros para pesquisas que aprofundem o conhecimento científico sobre os assuntos discutidos.

O desenvolvimento da linguagem e as relações sociais analisadas por Piaget e Vygotsky auxiliaram-me na elaboração de atividades para crianças de educação infantil que estão iniciando seu contato com o mundo letrado.

Jean Piaget (1896-1980) nunca atuou como pedagogo, biólogo por formação dedicou seu trabalho para a observação do processo de aquisição do conhecimento voltando seu olhar para a criança, esse campo de investigação denominou-se de epistemologia genética.

Segundo ele o desenvolvimento do pensamento infantil passa por quatro estágios que vão desde o nascimento até a adolescência. Procurarei analisar os

³ Texto fotocopiado para a aula não contendo referencia bibliográfica.

dois primeiros estágios, pois estão relacionados à faixa etária das crianças com as quais trabalho na educação infantil.

O primeiro estágio é o sensório-motor, que vai do nascimento até dois anos. Nessa fase a criança começa a ter domínio sobre seus reflexos sendo um período anterior ao da aquisição da linguagem.

O segundo estágio é o pré-operacional, vai dos dois aos sete anos. Nesse período a criança já tem capacidade de dominar a linguagem e representa o ambiente por meio de símbolos. A criança é egocêntrica, portanto não consegue se colocar no lugar de outra pessoa.

Depois de diversas leituras concluí que o pensamento se articula como linguagem. E de que forma isso ocorre? Das diversas formas de expressão, as mais comuns são: corporal (gestos e expressões), escrita, visual e a fala, esta última pode se dar por meio de diálogos, músicas, etc.

Outro teórico que estudamos durante o curso foi o psicólogo norte-americano Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), que se dedicou ao estudo de como fazer para se controlar e moldar o comportamento humano, essa linha de trabalho é chamada de behaviorismo.

Para Skinner, uma forma de se estudar o comportamento é através do condicionamento operante, esse mecanismo premia (reforço positivo) o sujeito na medida em que suas repostas são satisfatórias a quem questiona, levando a punição (reforço negativo) caso a resposta não seja a esperada.

Realizei um estudo do texto “**Temas e abordagens teóricas sobre a aquisição da linguagem**” de Ester Scarpa (2001) que aponta a concepção inatista de Skinner, onde o processo de aquisição da linguagem se dá através de fatores genéticos e que o meio externo portanto, não influi para seu desenvolvimento. Tudo

já vem “programado” dentro da mente do sujeito, onde a intervenção externa ocorre apenas em forma de estímulos que auxiliarão na externalização da linguagem e o reforço manterá essa postura no sujeito. Acredito, depois de observar suas idéias, que para Skinner, repetir cem vezes uma frase ou um texto, assim como copiá-los, é a melhor forma de se aprender algo. Nesse contexto lembro-me de castigos aplicados pelas professoras de minha infância, que obrigavam o aluno a escrever na lousa ou caderno frases como: “Não vou mais desobedecer à professora”. E elas acreditavam realmente que isso resolveria os problemas de comportamento dos alunos.

Noam Chomsky (In: SCARPA: 2001) também desenvolveu seus trabalhos baseados na concepção inatista. Seu trabalho se desenvolveu de uma forma ainda mais radical que a de Skinner, pois, ao contrário dele, Chomsky descarta totalmente a necessidade do outro, o fator social é apenas uma consequência. Outro ponto divergente entre os dois diz respeito à repetição, esta não serve para a aplicação da linguagem, ajuda apenas em ações mecânicas.

O texto se torna mais familiar e aceitável a partir da exposição que Scarpa faz sobre as concepções construtivista e sócio-interacionista. Refiro-me dessa forma, não por aversão aos outros pesquisadores, mas por ter uma formação voltada totalmente para a valorização das influências sociais e para a construção do conhecimento. Tanto para Piaget quanto para Vygotsky, o outro é interlocutor de nossas interações.

Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), psicólogo bielo-russo dedicou seu trabalho com grande ênfase nos processos necessários para o desenvolvimento do pensamento e da linguagem.

O fator que determina o desenvolvimento humano para Vygotsky, são as relações sociais, “na ausência do outro, o homem não se constrói homem”⁴, escreveu. Ele rejeitava a teoria inatista, a formação do homem se dá na relação entre sujeito e sociedade. Os processos psicológicos mais complexos se formam e desenvolvem pelo aprendizado.

O aprendizado para Vygotsky ocorre através do uso da linguagem que serve como interação entre o mediador e o aprendiz e pelo contato com os instrumentos do meio que o cerca.

A aquisição da linguagem na criança começa pela influência social, as informações são internalizadas ocorrendo em seguida o processo de acomodação (assimilação e transformação da idéia) e assim pelas interferências de suas experiências, as diferentes formas de linguagem são externalizadas, segundo Vygotsky.

Realizei recentemente uma leitura muito interessante da resenha do livro **“Savage Girls and Wild Boys”**. O texto conta casos de crianças que pelas mais diversas situações escolheram ou foram obrigadas a viver em florestas ou reclusas dentro de casa, sem o contato direto com qualquer tipo de linguagem. Essas crianças foram encontradas depois de anos sobrevivendo longe da civilização. Na época tinham por volta de sete anos. A maioria das crianças não aprendeu a falar e morreram em pouco tempo.

Dois casos em especial me chamaram a atenção. Victor, um garoto parisiense, que foi encontrado no verão de 1800, vítima de uma tentativa de assassinato e, Genie uma menina de Los Angeles que foi descoberta em 1970,

⁴ Citação retirada do artigo publicado na revista Nova escola, grandes pensadores (2004) p. 58, inspirado nas obras de Vygotsky.

presa em casa afastada de todos, devido ao ciúme que o pai desenvolveu, pelo fato de sua esposa passar grande parte do tempo dando carinho à filha.

De acordo com a concepção piagetiana e vygotskyana, Genie, não conseguiu aprender a falar e ler porque ficou muito tempo amarrada e reclusa do mundo, nem mesmo sua mãe podia falar com ela e sem o contato com o outro não acontece o desenvolvimento cognitivo, apenas o emocional se desenvolveu, nesse caso de forma negativa. O garoto Victor não foi vítima de um ambiente fechado, mas sua história foi tão perversa quanto a de Genie. Ele foi encontrado com ferimentos gravíssimos no pescoço por ter sofrido quase um degolamento, sendo depois abandonado no meio da selva. Isso o transformou em uma criança sem auto-estima, sem vontade de se expressar, por ter uma grande amargura em seu coração, além de outras implicações psicológicas.

Não há registros que informem ao certo a idade de Victor e Genie. É possível que as crianças tivessem sido encontradas com mais de sete anos, tendo portanto, passado da fase de aquisição da linguagem oral, influenciando posteriormente o desenvolvimento da escrita. Ambos aprenderam apenas algumas palavras-chave, ocorreu uma fossilização do que já havia sido apreendido por eles, impedindo-os de fazerem conexões entre o que já sabiam e as palavras novas apresentadas.

Para as crianças selvagens infelizmente o modelo de ser humano que eles tiveram eram de pessoas más, acarretando dificuldades de socialização, não se adaptaram ao ambiente que foram inseridos, seu organismo não se adequou à alimentação, fatores esses que podem tê-los impedido de ter vida longa.

4. AVALIAR AS MEMÓRIAS, AVALIAR AS PRÁTICAS.

Considero importante salientar que para conceber este trabalho foi necessário recorrer a uma revisão teórica de alguns dos conceitos estudados durante o curso de Pedagogia.

Escolhi encerrar esse memorial, falando um pouco sobre a importância da avaliação em minha prática como educadora, como também apontar alguns dos caminhos para o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares. Além de analisar os métodos, propostas e execução dos mesmos. Como o tema avaliação não faz parte de meu eixo temático, restringirei a escrita em relatos de experiências das atividades que costumo trabalhar, baseadas em conceitos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia e que dão resultado positivo, não tenho como objetivo discutir os fundamentos da prática avaliativa.

As Aulas Magnas com o professor Luis Carlos de Freitas serviram para refletirmos sobre o quanto nos aflige a questão da avaliação. Atuo na educação infantil, mas o Ensino Fundamental desta rede educacional adota o sistema de progressão continuada. Conheço um pouco como se dá o processo e, por isso questiono: como avaliar? Os alunos com dificuldades de aprendizagem devem ir para o nível seguinte mesmo os que não atingiram os objetivos daquela série? E nós como profissionais estamos sabendo fazer uma avaliação correta dos alunos?

É importante que o educador conheça os diferentes tipos de avaliação e escolha aquela que lhe parecer melhor e mais completa.

Como Freitas diz:

Testes provas, provas e exames constituem boa parte da cultura escolar, como se fossem naturalmente ligados aos conhecimentos e à pedagogia. Nas práticas rotineiras, os educadores não costumam pensar que a avaliação como conceito geral pode haver relações, sentidos e intencionalidades que pouco ou nada tem a ver com a questão das aprendizagens e da formação humana, isto é, não apresentam uma intencionalidade educativa... Antes mesmo da institucionalização das escolas, a avaliação já era praticada para fins de seleção social. (FREITAS, 2002 p. 17).

Quero chegar justamente nesse ponto, o aluno deve ser avaliado como um todo, um ser individual, que tem problemas que fogem do nosso alcance e, que devem ser levados em consideração na hora de avaliar. Ele não é “mais um” na fila da aprovação ou retenção. Como vimos no parágrafo anterior, muito bem mencionado por Freitas (2002) a avaliação em muitas escolas, tem apenas fins de seleção social. Os objetivos que estabelecemos a um aluno que tem maior dificuldade, qualquer que seja (econômica, social, ou problemas cognitivos comprovados) não devem ser os mesmos para aqueles que vão bem por si só, porque têm condições de estar em maior contato com livros, cinema, teatro, jornais dentre outros lazeres, que proporcionam melhor aproveitamento em sala de aula.

A avaliação escrita veio para que o aluno coloque no papel o quanto aprendeu e surgiu após a Revolução Industrial:

... a avaliação teve que desenvolver tecnicamente, criando os testes escritos e o sistema de notação. Aí está uma primeira característica que colocou na avaliação e com o tempo também parece pertencerá sua essência: os testes escritos como fins de medida... Os testes escritos são uma criação da escola moderna. Sua forma escrita se liga à idéia de credibilidade pública, transparência e rigor. Ganharam tanta importância que acabaram até mesmo interferindo fortemente na definição dos currículos e das propostas pedagógicas. (FREITAS, 2002, p. 19).

Na Educação Infantil, é mais difícil observar o conhecimento do aluno, já que a faixa etária que atuo, é de crianças que ainda não sabem ler. Sugiro então o uso de leitura e reescrita de histórias, o professor lê e os alunos coletivamente contam o

que entenderam e eu registro na lousa, ou digito e depois reproduzo para todos, depois eles desenham a parte que mais gostaram. Um bom exercício também é, solicitar que os alunos confeccionem livros ilustrados a partir de filmes por eles assistidos referente ao conteúdo que está sendo trabalhado. Objetivando maior interação social, os alunos podem apresentar o resultado de seu trabalho para as outras classes. Atividades como as acima mencionadas, são bons instrumentos de avaliação, pois, posso perceber se houve compreensão do conteúdo.

Lemos um texto do professor Freitas a respeito dos métodos de avaliação alternativa: "... o importante é informar, trabalhar com as diferentes representações, interpretar as causalidades e pensar as estratégias de superação". (FREITAS, 2002, p. 25).

O processo de ensino e aprendizagem deve ser autônomo, possibilitando que o professor ofereça liberdade para o aluno se expressar, o que já é uma forma de avaliação, adotar métodos onde o trabalho seja transdisciplinar, ou seja, uma rede, onde um conteúdo perpassa por todas as disciplinas, dessa forma o trabalho é muito mais rico e a avaliação se torna prazerosa.

Mas sabemos que nem todos os professores se dispõem a utilizar essa estratégia ou por ser mais difícil e trabalhosa, ou porque realmente não tem a oportunidade de se atualizar.

Como já foi mencionado, participo do grupo de docentes da rede municipal de ensino, que fazem o curso PROFA (Programa de Formação dos Professores Alfabetizadores), que é parte do programa PCN em Ação, o curso é dividido em três módulos, num total de 180 horas. O material foi elaborado por Telma Weiss e trata das formas de alfabetizar e avaliar, conceituados no trabalho de Emília Ferreira em seu livro "**A psicogênese da língua escrita**".

Os professores que aceitam essa nova proposta de trabalho estão de acordo com as idéias do filósofo John Dewey, como pode ser visto no artigo escrito pela educadora Priscila Ramalho na revista Nova Escola. Dewey disse há mais de cem anos que: “O aprendizado se dá quando compartilhamos experiências e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja barreiras ao intercâmbio de idéias”. (DEWEY, in: RAMALHO, 2003, p. 23)

A pesquisadora Ramalho, analisou as idéias de Dewey e uma de suas conclusões foi:

... para o processo educativo, bastava um grupo de pessoas se comunicando e trocando idéias, sentimentos e experiências sobre as situações práticas do dia-a-dia. Ao mesmo tempo, reconhecia que, à medida que as sociedades foram ficando complexas, a distância entre adultos e crianças se ampliou demais. Daí a necessidade da escola, um espaço onde as pessoas se encontram para educar e serem educadas... Em outras palavras, o objetivo da escola deveria ensinar a criança a viver no mundo. (RAMALHO, 2003, p. 23).

Procuro embasar meu trabalho com pesquisadores que compartilham da perspectiva de Dewey, que visa fazer com que os professores se aproximem, troquem experiências, se tornem receptivos para trabalhar com novas propostas e deixarem de lado a idéia que a escola só serve para educar crianças e essas serem educadas por adultos. Esse é um dos motivos que me levou a querer conhecer a proposta do PROFA.

John Dewey filósofo norte-americano (1859-1952), sempre defendeu a liberdade de pensamento. No campo educacional, preocupou-se com a valorização da capacidade de pensar da criança, questionou a postura tradicional⁵ dos professores apontando questões que deveriam ser por eles analisadas como, preparar os alunos para investigar a realidade em que vivem, unir a teoria à prática para que sirvam na resolução de problemas “afinal, as crianças não estão num dado

momento, sendo preparadas para vida e, em outro vivendo” (DEWEY, In: Cunha, 1998, p. 47).

Dewey inspirou o movimento da Escola Nova defendendo sua propagação para o mundo.

Na pedagogia, um de seus objetivos diz respeito ao crescimento físico, emocional e intelectual, ou seja, o papel da escola é educar a criança como um todo. A escola deve promover o constante desenvolvimento da criança permitindo que ela se expresse livremente onde o professor é articulador das discussões a fim de preparar o aluno para transformar algo, para Dewey, esse é o conceito de democracia.

E mais:

Afinal, as crianças não estão, num dado momento, sendo preparadas para a vida e, em outro vivendo (Dewey), ensinou que o aprendizado se dá justamente quando os alunos são colocados diante dos problemas reais. A educação na visão deweana é “uma constante reconstrução da experiência, de forma a dar-lhe cada vez mais sentido e a habilitar as novas gerações a responder aos desafios da sociedade”. Educar, portanto, é mais do que reproduzir conhecimento. É incentivar o desejo de desenvolvimento contínuo, preparar pessoas para transformar algo. (RAMALHO, 2003, p. 23).

Jussara Hoffmann articula idéias a respeito da participação do aluno no processo avaliativo, pois muitas vezes a criança só fica sabendo de seu desempenho, quando seus pais lêem o relatório feito pela professora: “... a ação avaliativa é tida como um procedimento que se resume a um momento definido do processo educativo, ocorrido a intervalos estabelecidos e exigidos burocraticamente”. (HOFFMAN, 1997, p. 147).

Como educadora, acredito que o aluno e seus pais devem o tempo todo, estarem cientes de como vai o andamento do aluno. Nesse sentido, procuro de

⁵ Professor tradicional, na concepção deweana, é aquele que detém o conhecimento, capaz de manipular os processos mentais do aluno através da instrução.

maneira simples compartilhar com a criança, os seus avanços, sua evolução, conquistas e descobertas, mesmo que esta tenha apenas quatro anos de idade. Procuro também, incentivar os pais a participar do processo de aprendizagem e desenvolvimento de seus filhos.

Cada aluno tem seu tempo de aprendizagem e como popularmente se diz: “as bananas não amadurecem ao mesmo tempo na penca”, então como querer que as crianças estejam caminhando juntas “enfileiradas” ao mesmo tempo.

A LDB prescreve que a avaliação deve ser contínua e de qualidade. Para qualquer segmento do ensino, acredito que o primeiro passo para uma avaliação de qualidade é a inclusão social, ou seja, aceitar todos como são sem distinção independente de sua classe social ou condição física.

O professor pode e deve trabalhar de forma diversificada com os alunos, pois, todos são diferentes uns dos outros, logo os agrupamentos podem ser feitos de acordo com a hipótese de conhecimento do aluno. É importante colocar a criança junto com alguém mais avançado para que possa ajudá-la.

As atividades devem ser desafiadoras e nesse caso, a intervenção do professor é muito importante, ele deve questionar, insistir, para que o aluno exponha como chegou àquela conclusão. Esse trabalho é uma forma de avaliação, saber como cada aluno pensa para adequar suas estratégias de ensino visando melhores condições de aprendizagem para o aluno.

Se a maioria da classe não consegue acompanhar, é viável o professor repensar sua ação pedagógica, mostrando-se aberto para que o aluno questione, critique se for necessário, enfim tenha a liberdade de dizer para você: “professora isso eu não entendi, você pode explicar novamente?”.

Partilho do conceito de Cagliari quando diz:

A avaliação e a promoção são duas atividades pedagógicas que sem elas a escola não sobrevive, mas nem por isso as pratica de maneira exemplar. O primeiro ponto a ser levantado é a confusão que se estabeleceu nas nossas escolas (e em muitas outras no mundo moderno) entre a avaliação e a promoção. Nas nossas escolas a avaliação tem como única meta à promoção, ou seja, os alunos recebem notas pelos trabalhos que fazem para passar de ano ou não, isso parece óbvio para muitos professores, acostumados com essa prática. No entanto, é muito importante que essas duas atividades sejam feitas independentemente. A **Avaliação** deve contemplar um julgamento sobre o que os alunos fazem para aprender e o que o professor faz para ensinar, para que o ensino e a aprendizagem aconteçam da melhor maneira possível. A **Promoção** julga da conveniência ou não de um aluno passar para as atividades escolares do ano seguinte.(CAGLIARI, 1999, p. 62).

E mais, ele nos mostra que a questão da avaliação e da promoção é complexa, apesar de muitos acreditarem que é a mesma coisa.

Dessa forma, considero que a avaliação educacional, tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental, requer um olhar sensível e permanente do professor para compreender as crianças e responder adequadamente a cada nova situação do cotidiano escolar. Perpassa todas as atividades, mas não se confunde com promoção/reprovação. Sua finalidade não é excluir, mas exatamente o contrário: incluir as crianças no processo educacional e assegurar-lhes êxito em sua trajetória por ele.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir este trabalho, foi para mim uma forma de reorganizar as idéias, refletir sobre o curso e, puxar pela memória o que foi estudado.

A prática da escrita tem se tornado cada dia mais freqüente e importante em minha vida, registrar os conhecimentos novos, estruturar os antigos, é uma forma de contar história e de fazer história.

Recentemente compus uma música para o curso PROFA, cujo objetivo era contar minhas memórias de vida, atreladas à prática profissional, de forma criativa, o resultado do trabalho ficou assim:

MINHA HISTÓRIA

(Melodia: Terezinha de Jesus)
Quando eu era, pequenina;
Eu gostava de escrever
Vou contar a minha história
Você vai me conhecer.

Eu morava numa chácara
Muito longe da cidade
E brincava todo dia
Com crianças da minha idade

De casinha, de celinha
Muito mais de escolinha
Inventava mil histórias
E aos poucas aprendia

Era um sonho ir pra escola
Aprender mil coisas novas
Escrever tornou-se então
Algo do meu coração.

(Ana Cláudia G. Leardine – Valinhos: PROFA V).

Hoje sei que o Memorial de Formação não serve só para formar a pessoa no que diz respeito à aquisição do diploma, mas também e principalmente serve como um “pontapé” inicial para a elaboração de novos projetos e elaboração de trabalhos científicos pessoais.

Sinto que, depois da redação deste texto posso elaborar minhas teses com base na fundamentação teórica durante o curso adquirida.

Relacionar as vivências pessoais com o conhecimento científico, atrelando tudo isso à prática de trabalho contribuiu para o fortalecimento de meu ideal educacional.

A reflexão sobre toda nossa experiência de vida auxiliou para uma avaliação e reestruturação na maneira de orientar os alunos e oferecer informações a todo o corpo docente do qual faço parte.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A GUERRA do fogo. Direção de: Jean-Jacques Annaud. Distribuidora: Fox Vídeo, 1981, 1 videocassete (97 min.), VHS/NTSC, color.

ALVES, Rubem. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** 3. ed. Campinas: Papirus, 2001. 120p.

_____. **Por uma educação romântica.** Campinas: Papirus, 2002. 207p.
BITTENCOURT, Águeda et al. A Unicamp e a formação de professores. **Correio Popular**, Campinas, 25 ago. 2002. Caderno Opinião.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BÍ-BÓ-BU.** 1. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil:** Leitura crítico-compreensiva, artigo a artigo. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 116p.

CUNHA, Marcus Vinicius da. **John Dewey:** Uma filosofia para educadores em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 1998, 92p.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** 7. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. 176p.

ECA, **Estatuto da criança e do adolescente.** 8. ed. São Paulo: CMDCA – Campinas, 1999, 144p.

FERRARI, Márcio (org). **Grandes pensadores. Nova Escola,** São Paulo: Abril, edição especial, 2004, 78p. ISSN 0103-0116.

FREITAS, Luiz Carlos de et al. **Avaliação:** Construindo o campo e a crítica. Florianópolis: Insular. 2002, 264p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Do código para a cognição: o referencial como atividade criativa. **Revista de estudos lingüísticos,** Pernambuco, v. 6, n. 1, p. 43-61, 2003.

MARQUES, Mario Osório et al. **4 vidas, 4 estilos, a mesma paixão.** Ijuí: Unijuí, 1999. 108p.

NEWTON, Michael. **Savage girls and wild boys:** A history of feral children. Tradução: CAGLIARI, Gladis Massini. London: Faber and Faber, 2002. 284p.

PELLEGRINI, Denise. Avaliar para ensinar melhor. **Nova Escola,** São Paulo: Abril, n. 159, p. 26-33, jan/fev. 2003. ISSN 0103-0116.

RAMALHO, Priscila. **Grandes pensadores: John Dewey,** atual há 100 anos. **Nova Escola,** São Paulo: Abril, n. 159, p. 23-24, jan/fev. 2003. ISSN 0103-0116.

SCARPA, Éster. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIN, Fernanda, BENTES, A. **Introdução à lingüística**. São Paulo: Cortez, p. 206-221, 2001.

SCHAFFER, Margareth, BONETI, Rita V. F. **Noção de espaço e tempo**. p. 11 (mimeo)

ZAMBONI, Ernesta. **O ensino da história e a construção da identidade**. 1992 (mimeo)